

## A CRÍTICA À VIOLÊNCIA NA PROFECIA DE NAUM

Rafael Rodrigues da Silva

### Resumo

*Do VIII ao VII século aC os camponeses de Israel e de Judá foram expropriados, explorados e violentados pela política tributária do império assírio. O Estado de Israel sofreu o exílio e a devastação de 732/722 aC e o povo de Judá, além de sofrer com a dominação do império, contou com a repressão e os desmandos dos monarcas locais que utilizam de mecanismos para se manter no poder e fortalecer uma elite econômica e religiosa. Neste ambiente, marcado por repressão e violência política e institucional, é que aparecerá a voz da profecia no livro de Naum, Habacuc, Sofonias, Jeremias e partes da historiografia deuteronomista. O livro de Naum nos seus oráculos (1,2-2,1; 2,2-14 e 3,1-19), ao descrever violentamente o fim do império, apresenta nas entrelinhas a violência praticada pelos assírios.*

### Abstract

*From the VIII to the VII century BC the peasants of Israel and Judah were expropriated, explored and abused by the tax policy of the Assyrian empire. Israel has suffered exile and devastation from 732 to 722 BC. The people of Judah, beyond suffering under the Empire domination, had to face the abuses of local monarchs who use mechanisms to maintain power and strengthened an economic and religious elite. In this environment marked by repression and political and institutional violence the Prophecy's voice appears in the books of Nahum, Habakkuk, Zephaniah, Jeremiah and parts of deuteronomistic historiography. The oracles in the book of Nahum (1:2-2:1; 2:2-14 e 3:1-19), by describing the violent end of the empire, report between the lines the violence practiced by the Assyrians.*

A violência representava tanto no Israel clânico-tribal quanto no Israel estatal o rompimento da normalidade e das bases de uma sociedade justa. Quando nos deparamos com os profetas em sua radicalidade lutando em favor dos desvalidos (*anawim*, *dallim* e *ebyionim*) estamos diante das palavras que condenam as injustiças, a violência, a pobreza e a corrupção. Dizer que a “terra que se encheu de violência” (Gn 6,11b.13a) é uma forma de apontar as injustiças, as corrupções e a disputa sangrenta pelo poder<sup>1</sup>. No VII século aC o Estado de Judá viveu três momentos: forte dominação

1. Ver José Severino Croatto. Violência e desmandos do poder (Reflexões bíblicas). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 2, Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Imprensa Metodista, 1988, p. 8-16.

e violência exercidas pelos assírios e pelos monarcas locais que utilizam destes mecanismos para se manter no poder; as expectativas de mudanças com a queda do império e as mudanças nos rumos políticos e econômicos e, finalmente, o fortalecimento de uma elite econômica e religiosa nacionalista que irá governar com dureza. Neste ambiente marcado por repressão, expropriação e violência política e institucional é que aparecerá a voz da profecia no livro de Naum, Habacuc, Sofonias, Jeremias e partes da historiografia deuteronomista. Perceber a análise da profecia acerca da violência no VII século se torna um trabalho grandioso. Vamos nos ater às palavras irônicas de Naum.

As palavras proféticas não caem do céu e não existem no ar e, sim, no tempo histórico, em lugares sociais diversos, em meio a conflitos e situações que clamam por transformações. O livro de Naum é uma coletânea de palavras que lança um olhar sobre a realidade para suscitar nos seus destinatários e leitores novos olhares sobre a conjuntura política e econômico-social que estão vivendo. Interessante perceber que este livro é um dos poucos a deslocar o eixo de culpabilização diante da realidade de sofrimento, empobrecimento e opressão. Muitos trabalham com a culpa de Israel e Judá, porém, este livreto não faz nenhuma referência aos “pecados” de Israel e Judá e centra a sua atenção numa análise da situação do império. Ao folhearmos esta coletânea descobriremos três grandes conjuntos ou blocos (que podem ser subdivididos e com certeza tem as suas subdivisões com adendos e acréscimos<sup>2</sup>): um hino de exaltação ao poder de Javé (1,2–2,1), descrição do cerco e tomada de Nínive (2,2-14) e um poema e cântico fúnebre (3,1-19). Transparece nas entrelinhas do livro a violência praticada pelos assírios na região ao descrever violentamente o fim do império.

### **1. As palavras da profecia de Naum e seu contexto**

A dominação assíria perpassa os dias em que acontece a profecia de Naum. No livro está expressa a leitura que se faz do domínio assírio, de modo especial no seu período de decadência. Basta atentarmos para as referências à cidade de Nínive dentro do livro. Aliás, a apresentação do livro claramente remete à localização das palavras dessa profecia para os ambientes da dominação assíria. Eis um livro de oráculos sobre Nínive (Na 1,1).

Começemos por reunir algumas informações sobre a decadência assíria. A escalada de poder da Assíria começa no IX século (governo de Salmanasar III) com a implantação de uma forte política expansionista e militar; porém, é no governo de Tiglat-Falasar (745 aC) que é consolidado este poderio. Este foi o grande inaugurador de um império<sup>3</sup>. Se Síria, Israel e Judá conseguiram frear as ações de Salmanasar III, agora, não existe nenhuma possibilidade de enfrentamento e até mesmo de organizar uma grande força de coalizão. O auge do imperialismo assírio tem seus inícios ao redor do ano 740 aC através das investidas militares no Mar Mediterrâneo e a posterior tomada da cidade-estado de Emat. Na incursão militar de 738 aC, na região da Síria, muitas ci-

2. Não vou me ater às questões de estrutura do livro ou analisar se este ou aquele versículo seja posterior ou se está deslocado de seu contexto original.

3. John Bright. *História de Israel*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978, p. 360.

dades foram obrigadas ao pagamento de tributos, entre os Estados tributários se encontravam Damasco (rei Rasin) e Israel (rei Menaém), como descreve 2Rs 15<sup>4</sup>. Conforme Bright as campanhas de Teglat-Falasar se diferenciavam de seus antecessores, pois não eram expedições para extorquir tributos, mas sim para realizar uma conquista permanente<sup>5</sup>. A Assíria rapidamente amplia o seu poder com grande violência sobre os povos subjugados. Assim, de 740 a 687 domina toda a região, inclusive, o Egito, o grande poder inimigo. De Senaquerib a Assurbanipal, auge e declínio são as marcas deste período. Do primeiro, temos notícias de sua ação devastadora e arrasadora sob o território de Judá, exercendo uma política de extorsão e espoliação. Numa visão imperialista diríamos que ele expandiu o império, ampliou as fronteiras e conquistou novos territórios. Na visão profética o arraso produzido por Senaquerib resultou numa Jerusalém transformada em cabana e choupana no pepinal (Is 1,8)<sup>6</sup>. Não é de causar estranheza que justamente os profetas do VIII século irão apresentar nas entrelinhas de suas palavras uma descrição do poderio assírio. Isaías 5,26-29 que descreve a força e a rapidez do exército assírio em meio à crítica dos pecados sociais de Judá (a famosa seção de aís que se encontra em Is 5,7-25 e 10,1-4); Is 10,5-16 apresenta a Assíria como bastão da ira de Deus; porém, no poema de 30,27-33 Javé irá ferir a Assíria com o bastão do castigo e mostrará o seu braço no ardor de sua ira com fogo, raios de chuva e de granizo. Javé fará guerra sagrada (veja também Hab 3 e Jr 7,31-34)<sup>7</sup>.

Se a ascensão do império foi rápida, imaginemos a sua caída (de 687 a 612 aC). Podemos destacar algumas das causas da ruína do império assírio: as tensões sociais internas provocadas pelas constantes mobilizações de camponeses assírios no que concerne o plano de ocupar os territórios ocupados; junto com a violência das deportações encontra-se a falta e/ou falhas de comunicação num império que se expandiu rapidamente; mesmo detendo uma grande força militar não conseguiu abater as rebeliões e agilizar a administração tributária; contou-se ainda com enfraquecimento da política de saques e o crescimento dos ataques de outras nações (medos, babilônicos, citas) nas regiões fronteiriças<sup>8</sup>. “O império desmoronou quando se conjugaram três fatores de pressão: uma interminável guerra civil, gerada pela convergência das causas acima citadas, uma revolta babilônica e a intervenção dos medos. O império foi vítima das ambiguidades da estrutura de dominação que montou”<sup>9</sup>.

Por exemplo, no momento de decadência do império e fim do reinado de Manassés, a Assíria parece ter permitido a construção de defesas exteriores em Jerusalém e o

5. Siegfried Herrmann. Historia de Israel en la época del Antiguo Testamento. *Biblioteca de Estudios Biblicos*, v. 23. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1985, p. 315.

6. John Bright. *Opus. cit.*, p. 362.

7. “De 705 a 701, Judá é massacrada. Em 701, Jerusalém é cercada. No final, por milagre não é conquistada. É deixada como ‘cabana na vinha, como a choupana no pepinal’ (Is 1,8). Quase já não existe. É uma época em que se aprofunda a exploração dos pobres. Milton Schwantes. História de Israel, dos inícios até o exílio. *Mosaicos da Bíblia*, v. 7, 1992, p. 18.

8. Sobre o contexto de enfraquecimento do império assírio veja: Herbert Donner. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. 2: Da época da divisão do reino até Alexandre Magno. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1997, p. 387-391 e Siegfried Herrmann. *Opus. cit.*, p. 338-341.

9. Ludovico Garmus. *Opus. cit.*, p. 18-19.

restabelecimento da força camponesa judaíta com o objetivo de aplacar o crescimento de Pssamético I no Egito<sup>9</sup>.

Neste momento de decadência do imperialismo assírio é que encontramos em Judá: o fortalecimento do movimento deuteronômico<sup>10</sup>, o grande poder do povo da terra e o controle político do reinado de Josias e as profecias de Naum, Sofonias, Habacuc e Jeremias. De alguma maneira essas forças (proféticas, camponesas, militares e políticas) produzirão a sua leitura acerca do imperialismo. No âmbito da profecia encontraremos belos oráculos contra os tiranos<sup>11</sup> e a formosura da poesia e da crítica irônica presente neste livreto de Naum.

As palavras da profecia são contextuais. A ruína da cidade é descrita com sutileza em dois oráculos: 2,2-14 e 3,1-19. Evidentemente, que podemos descobrir nestes dois oráculos suas subdivisões e notar que eles estão organizados em vários retalhos (especialmente o capítulo 3)<sup>12</sup>. Tomando o primeiro oráculo (Na 2,2-14) vemos palavras de júbilo diante da cidade saqueada. O poder inabalável da Assíria é aterrorizado pelo medo, terror e pânico. “O corre-corre, os tropeços, os gemidos, tudo se funde na dramaticidade da cena, descrita com profunda ironia de quem saboreia a queda dos valentes”<sup>13</sup>. Interessante notar neste texto a ironia profética ao descrever o sufoco em que se encontra a cidade. Abre a cena com imperativos que demonstra uma espécie de palavras de ordem em tempos de combate e guerra: *vigia a fortaleza, guarda o caminho, cinge os rins, reúne toda a tua força* (v. 2). Na sequência dessas palavras descreve o destruidor que sobe contra a cidade que irá instaurar o pânico: nas ruas os carros correm loucamente e nas praças se precipitam (v. 5); os chefes militares tropeçam por causa da pressa (v. 6); “*parai, parai! Mas ninguém olha para trás*” (v. 9). Os v. 10-11 descrevem o saque, a devastação e destruição da cidade e todas as facas perdem a cor e a cidade perdeu a sua beleza.

“Os detalhes dramáticos – carruagens, tochas, saques, monte de cadáveres – são todos típicos e reproduzem a linguagem das maldições de tratados do Oriente Próximo. Se o saque da cidade foi um fato consumado, ou apenas ativamente antecipado na época em que o poema foi escrito, é, dessa forma, incerto. A destruição é apresentada em processo, uma técnica distorcida pela Versão do rei James, que traduz os verbos imperfeitos como futuro, mas apreciada pelo editor deute-

9. Morton Cogan. *Opus. cit.*, p. 70.

10. “No período da cruel repressão de Manassés ‘não houve’ profetas, ou seja, houve (porque muito sangue inocente foi derramado), mas suas palavras não chegaram até nós. Suas memórias estão nos cárceres da repressão. Ainda assim, temos a memória escrita de um outro movimento que, justamente, teve seu momento forte, quando os profetas não podiam manifestar-se. Refiro-me ao movimento deuteronômico”. Milton Schwantes. *Opus. cit.*, p. 22.

11. Sugiro a leitura de três artigos de José Severino Croatto publicados na *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*: Violência e desmandos do poder (Reflexões bíblicas), n. 2, 1988, p. 8-16. Uma liturgia fúnebre pela queda do tirano (Exegese de Isaías 14,4b-23), p. 48-56 e O discurso dos tiranos em textos proféticos e apocalípticos, n. 8, 1991, p. 33-45.

12. Podemos conferir a subdivisão do livro de Naum proposta por Luis Alonso Schökel e José Luis Sicre Diaz. Profetas II. *Grande Comentário Bíblico*. São Paulo, Edições Paulinas, 1991, p. 1105-1122 e Valmor da Silva. Naum, a boca justiceira de Deus. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 35/36, Petrópolis, Vozes, 2000, p. 212-219.

13. Valmor da Silva. *Opus. cit.*, p. 216-217.

ronômico, que no sobrescrito introduz o livro genericamente como uma “visão”. A descrição culmina em uma cadência magnífica na qual a repetição de “todo” reforça a nota de finalidade, e a conversão de esplendor em ruína é representada não em si mesma, mas, mais poderosamente, por seu efeito naqueles que a sofrem: Desolação, destruição, devastação! [*buqah umebuqah umebulaqah*] O coração definha, os joelhos vacilam, há calafrio em todos os rins e todas as faces perdem a cor (2,11)<sup>14</sup>.

As palavras contextuais do capítulo 2 fazem referência ao que aconteceu com a cidade de Nínive em 612 aC ou o que este povo sofreu com as invasões assírias, reportando para o que desejam que aconteça com a suntuosa e rica capital do império? Eis uma questão não tão fácil de responder ou que até mesmo não temos uma resposta. Pode o texto nos v. 7 e 9 aludir, a partir de uma tradição transmitida por Diodoro e Xenofonte, que a destruição da cidade aconteceu em meio a uma cheia do rio Tigre ou que os invasores desviaram uma correnteza para dentro da cidade a fim de enfraquecer as muralhas<sup>15</sup>. Comumente a profecia de Naum é situada entre a queda de Tebas (663 aC) e a destruição de Nínive (612 aC); porém, o mesmo não podemos dizer do livro, que tenta elaborar uma memória das palavras e ação proféticas. Neste sentido, transparece no livro uma comemoração do que aconteceu com a capital assíria. A queda de Nínive se torna protótipo para análise e desejo de derrocada de outras potências imperiais e suas grandes cidades que ostentam luxo e poder.

O segundo oráculo (3,1-19) apresenta uma grande poesia de enterro da grande cidade. Nos seus pequenos ditos (3,1-7; 3,8-11; 3,12-17 e 3,18-19), diga-se de passagem, com sutileza, maestria e belíssima poesia, ironizam o poder, proclamam o fim e extermínio da cidade opressora e violenta e alimentam com arte a consciência crítica de um povo que experimentou nos seus corpos as dores e as profundas marcas de um império sanguinário e espoliador. No primeiro dito (3,1-7)<sup>16</sup> encontramos a descrição da invasão e destruição, as causas que levaram a essa situação e um oráculo de Javé. Logo na abertura temos um famoso “ai” (muito forte nos textos proféticos<sup>17</sup>) para dizer que esta cidade sanguinária está cheia de fraudes, enganos e rapinas (v. 1). Os v. 2-3 com frases curtas falam da destruição e fazem o leitor imaginar, sentir e ver os sinais de destruição e morte: *Voz [barulho]<sup>18</sup> de chicote [açoite]; e voz de barulho de rodas; e*

14. Herbert Marks. Os Doze Profetas. In: Robert Alter e Frank Kermode (orgs.). *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, p. 231.

15. Veja Valmor da Silva. *Opus. cit.*, p. 216 e Luis Alonso Schökel e José Luis Siere Diaz. *Opus. cit.*, p. 1117. Carrol Stuhlmueller ao comentar Na 2,7-10 diz que: “talvez seja uma referência ao rio Khoser, que entrava na cidade pelo nordeste. Os medos e babilônicos podem ter represado suas águas para esvaziar alguns dos fossos em volta da cidade, em preparação para o momento em que o dique fosse aberto e uma avalanche de água colidisse com as muralhas, inundando a cidade. Suas águas barrentas sepultaram os tesouros do palácio”. Carrol Stuhlmueller. Naum. In: Diane Bergant e Robert J. Karris (orgs.). *Comentário Bíblico*. Vol. II. São Paulo: Edições Loyola, 3. ed., 2001, p. 139.

16. Veja Marli Wandermurem. A feminilização de Nínive – Naum 3,1-7. *Estudos Bíblicos*, n. 73, Petrópolis, Vozes, 2002, p. 82-91.

17. Veja uma bela reflexão de Milton Schwantes. Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai! *Por trás da Palavra*. São Leopoldo: CEBI, ano 21, n. 124, 2001, p. 41-42.

18. *Qol* pode ser traduzido por *som, voz, chamado, ruído, notícia, relato* e no plural o sentido de *estrondo* (Nelson Kirst, Nelson Kilpp, Milton Schwantes, Acir Raymann e Rudi Zimmer. *Dicionário Hebraico-Português & Aramai-*

*cavalos a correr [galopar]; e carros a saltar; cavaleiros sobem; e laminar de espadas; e relampejar de lanças; e grandes perfurados*<sup>19</sup>; e *pesados cadáveres [defuntos]. E sem fim os cadáveres; tropeçam em cadáveres!* E o motivo de tamanha destruição, terror e mortes estão na prostituição<sup>20</sup> e poder de persuasão da cidade. Aqui utiliza uma imagem frequente nos textos do Antigo Oriente Próximo e da profecia de Israel e Judá para representar o poder e a violência das cidades. Assim, nos v. 5-7 Javé descobrirá as vestes (*as saias*) da cidade e ela não encontrará piedade nem consolo.

O segundo dito (3,8-11) compara (“*tu também...*” v. 11) a realidade de destruição da capital do império com a crueldade e violência que praticara no passado recente contra Tebas (Egito)<sup>21</sup>: *suas crianças foram esmagadas nas esquinas de todas as ruas; sobre seus nobres lançaram a sorte, todos os seus grandes foram presos em grilhões* (v. 10). O opressor se torna presa de guerra e nobres se transformam em escravos.

O terceiro dito (3,12-17) anuncia que Nínive já está madura para cair. A imagem dos figos temporãos para simbolizar a total tomada de suas fortalezas e áreas de segurança. As portas estão escancaradas aos inimigos e devoradas pelo fogo. E no meio da cidade tombada só restam as mulheres. Outra imagem para descrever a ruína da cidade é o dos gafanhotos (*ye<sup>o</sup>leq e ‘arBeh*)<sup>22</sup>. O exército de gafanhotos da Assíria era formado

*co-Português*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 2000, p. 212). Relacionado com o termo akádico *qālu e qulu* (voz, grito) demonstrando o oposto a estar em silêncio, tranquilo e em texto ugaríticos se estende de sons naturais de animais à voz das pessoas. Aqui e também em Jl 2,5 e Ez 26,10 tem o sentido de som, barulho de chicotes, de rodas e de carruagens, frequentemente acompanhados pelos gritos dos cavaleiros (Kedar-Kopfstein. *qól*. In: G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz-Josef Fabry (edits.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol. XII, William B. Eerdmans Publishing Company Grand Rapids, Michigan / Cambridge, UK, 2003, p. 576-588).

19. *Hll* traspasado, perfurado, abatido, deflorado, estar perfurado. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*, p. 69.

20. “Nínive é uma prostituta! Estes versos se utilizam da imagem feminina provocativa para personificar a cidade que o profeta considera politicamente má e perversa. A imagem da prostituta denuncia condutas profanas e más da cidade. Ao fazer uso deste recurso linguístico, que “supõe”, por um lado, um recurso poético e, por outro, falar de castigo divino sobre a maldade e anarquia social, Naum põe em equivalência as normas e o comportamento social através deste símbolo. Portanto, Nínive é como uma mulher sexualmente depravada e, por isso, é condenada. Veja que se usa a imagem da prostituta para falar do comportamento social e político de Nínive. Também tipifica uma relação onde os princípios do poder, da propriedade, da posse e da pureza estão em perigo”. Marli Wandermurem. *Opus. cit.*, p. 89.

21. “En la marcha de Asurbanipal por la costa mediterránea 22 reyes le rinden pleitohomenaje, entre ellos Manasés de Judá (la mayoría son los mencionados por Esarhadón). Entrado en Egipto, el rey Tirjaka huye el sur, a Tebas (*Ni*). Esta campaña tiene lugar en el 667, fecha importante. Al replugar-se el ejército asirio a Nínive aprovechan para rebelarse numerosos príncipes vasallos del Médio y del Bajo Egipto, puestos por el mismo Esarhadón unos años antes y confirmados por Asurbanipal en el 667. Se entienden con Tirjaka, a quien le envían este sugestivo mensaje: *Haya paz entre nosotros y entendámonos; nos dividiremos el país entre nosotros, (y) ningún extranjero gobernará entre nosotros*. Los oficiales asirios interceptan los mensajes y se informan de los planes de rebelión; luego derrotan a los rebeldes. *Colgaran sus cuerpos de estacas, desollaron sus pieles y cubrieron (con ellas) el muro de las ciudades...* Estos episodios, que tienen un claro color antiasirio, atraen nuevamente a Asurbanipal al escenario del Nilo, en el 664, cuando su segunda campaña. Tanutamón se refugia en Tebas, pero el asirio lo persigue hasta allá, saquea y destruye la milenaria Tebas, hecho que será recordado largo tiempo. El profeta Nahúm, que escribe un poco más tarde, anuncia la ruina de Nínive recordando irónicamente su destructiva acción en No-Amón (= Tebas) (leer 3,8-10)”. José Severino Croatto. *Mundo Bíblico. Las culturas del Antiguo Próximo Oriente (Desde los orígenes hasta la conquista romana de Jerusalén 63 a.C.)*. Buenos Aires: Argentina, Instituto Superior Evangélico de Estudios Teológicos/ Publicaciones EDUCAB, Agosto de 1994, p. 211.

22. “A invasão dos assírios nos países ocupados (comerciantes, soldados, funcionários) é comparada a de uma nuvem de gafanhotos. A mesma imagem serve para anunciar o seu desaparecimento súbito e completo”. *Bíblia de Jerusalém*, p. 1785, n.e. Veja também Valmor da Silva. *Opus. cit.*, p. 219.

por mercadores (comerciantes, negociadores), aqueles que despojam<sup>23</sup> (saqueadores, “soldados”) e os soldados<sup>24</sup> (cortesãos, príncipes). Os dois termos em hebraico que indicam enxame de gafanhotos dominam os v. 15-17 (*ye<sup>o</sup>leq* aparece três vezes e *‘arBeh* duas vezes). O exército, outrora símbolo da força do império (*pousam sobre os muros em dia de frio*); agora, sem força e poder sai de cena (*o sol aparece, o ye<sup>o</sup>leq sai do casulo e voa, ele desaparece e ninguém sabe para onde*).

O quarto dito (3,18-19) continua a ironia em forma de lamento fúnebre, para dizer que os chefes e poderosos do rei da Assíria cochilaram e dormiram e, assim, o povo foi disperso sobre as montanhas e a fratura e a ferida que atingiu o império são incuráveis.

Belas palavras e linda poesia profética para descrever a derrocada do grande poder que aniquilou o povo de Israel e Judá.

## 2. A profecia de Naum e o imaginário

Cada cultura e cada sociedade têm o seu imaginário<sup>25</sup>. Seja enquanto consciência que recria o saber perceptivo através de aproximações sucessivas de um símbolo ou objeto, seja a partir da consciência imaginante, pois a simples observação sobre um determinado objeto ou símbolo pela imaginação não ensina nada, mas deve estar acompanhado da espontaneidade e criatividade que brotam da memória, do cotidiano e da experiência de vida<sup>26</sup>. Não é tarefa fácil ler o livro de Naum até o ponto de nas entrelinhas perceber e ouvir as pessoas conversando sobre a situação de dominação, devastação e imperialismo. Michel Vovelle diz que a noção de mentalidade constitui uma espécie de visão de mundo e cada povo a transmite conforme o seu contexto histórico-cultural<sup>27</sup>.

Não podemos pensar que o imaginário seja o impensado ou o não expresso, pois ele se apresenta na representação e interpretação da linguagem e da realidade. É uma leitura que brota do cotidiano. É a expressão do pensamento que se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade<sup>28</sup>. Mesmo sabendo que as imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real ou expressões da realidade

23. *Pašaṭ* (tirar, retirar, despir, avançar, lançar-se contra, despojar, despir, esfolar). *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*, p. 200. Este verbo quando ocorre no *qal* em muitos textos tem a conotação de uma ação ou empreendimento militar e geralmente é utilizado em contextos militares. H. Schmoldt. *Pašaṭ*. In: G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz-Josef Fabry (edits.). *Theological Dictionary of the Old Testament*, p. 129-132.

24. *Minnezarim* em Na 3,17 são os soldados. Veja Ludwig Koehler e Walter Baumgartner (edits.). *Léxicon in Veteris Testamenti Libros*. Leiden: E.J. Brill, 1985, p. 538. Thomas E. McComiskey sugere associar esta palavra ao verbo *nzār* indicando o consagrado ou o príncipe; porém, é um significado incerto em Na 3,17 (R. Laird Harris, Gleason L. Archer Jr. e Bruce K. Waltke (edits.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, p. 945-947).

25. Evelyne Patlagean. “A história do imaginário”. In: Jacques Le Goff (org.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 291.

26. Veja Gilbert Durand. *As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

27. Michel Vovelle. *Ideologia e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

28. Veja Hélène Védrine. *Les grandes conceptions de l’imaginaire*. Paris: Librairie Général Française, 1990, p. 5-6 e Jacques Le Goff. “L’histoire et l’imaginaire. Entretien avec Jacques Le Goff apud Michel Cazenave et alii”. *Mythes et histoire*. Paris: Albin Michel, 1984, p. 55-56; e *L’imaginaire médiéval*, Paris: Gallimard, 1985.

de, como um fiel espelho. Interpretação que vem carregada de apreciação, conhecimento, interesses, pois as coisas ditas e expressas no imaginário têm outro sentido além daquele manifesto. O imaginário vai para além da imaginária, melhor dizendo, o imaginário diz algo a mais (o não explícito e o ausente) que as imagens. Nesta perspectiva podemos dizer que o real é ao mesmo tempo concretude e representação para além do aparente.

Evelyne Patlagean e Bronislaw Baczko afirmam que todas as sociedades ao longo da história produziram suas representações através de ideias-imagens que circunscrevem identidade, legitimam poder, estabelecem divisões sociais e apresentam modelos de conduta e prática. No território que se estabelece no limite entre o real e o imaginário se apresenta o campo inteiro da experiência humana, “do mais coletivamente social ao mais intimamente pessoal”<sup>29</sup>.

Ao nos aproximarmos dos textos enquanto construção de um projeto político (da produção dos textos à interpretação e leitura da realidade)<sup>30</sup>; manifestação das lutas sociais e do jogo de poder<sup>31</sup>; e, formas de percepção do social<sup>32</sup>, veremos que os fatos históricos (enquanto fatos passados) chegaram até nós como discurso e interpretação da realidade.

O livro de Naum é um destes livros da profecia que interpreta a realidade através das imagens, sons, gritos, barulhos, gestos, rezas e olhares. Logo no primeiro oráculo (Na 1,2-2,1) nos deparamos com um conjunto de imagens que celebram a “vingança” de Javé ante seus inimigos e adversários. Nos versículos de abertura Javé é apresentado como um Deus zeloso / ciumento (*qanna*) e vingador (*nqm*: v. 2-3a) ao mesmo tempo que ele é bom e é abrigo no dia da tribulação para aqueles que buscam refúgio nele. Esta oposição entre um Deus vingativo e um Deus bom, nos textos proféticos se enquadra na dinâmica de ridicularização e sátira ao poder<sup>33</sup>. Nesta dinâmica de bênção e maldição, humilhação e castigo, os textos proféticos (de modo especial o livro de Naum) enfatizam e destacam fortemente as ações violentas e destrutivas de Deus. Po-

29. Veja Bronislaw Baczko. *Les imaginaires sociaux*. Paris: Payot, 1984, p. 27 e Evelyne Patlagean. “A história do imaginário”, p. 291.

30. Jorge Pixley no seu artigo: “O aspecto político da hermenêutica”. In: *Ribla* 32 (1999), 85-100 nos apresenta a política tanto na produção dos textos quanto na sua leitura e apropriação dentro da própria Bíblia, no interior das igrejas e na prática pastoral de interpretação bíblica na América Latina.

31. Numa leitura de Pierre Bourdieu descobriremos que as representações são manifestações de lutas sociais e jogo de poder e todo discurso contém estratégias de interesses determinados, pois a autoridade e a eficácia simbólica de um discurso consistem no poder concentrado do grupo que o enuncia e na pretensão de agir sobre a realidade (*Ce que parler veut dire*. Paris: Fayard, 1982, e *O poder simbólico*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988).

32. “As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas... Pode-se pensar uma história cultural do social que tome por objeto e compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social, que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”. Roger Chartier. *A história cultural. Entre práticas e representações*, p. 17 e 19.

33. Veja Klaus Seybold. Die Verwendung der Bildmotive in der Prophetie Zefanjas. In: *Orbis Biblicus Orientalis*, n. 64, Universitätsverlag, Freiburg/Schweiz Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen, 1985, p. 30-54 e Thomas Jemielity. *Satire and the Hebrew Prophets*. Westminster/John Knox Press, Louisville, Kentucky, 1992.



demos notar que este primeiro oráculo vai além de simplesmente apresentar uma louvação ao Deus Criador (a maneira como muitos autores leem Na 1,2-8), pois as ações divinas ali descritas são devastadoras: tormenta, tempestade, nuvem, faz secar mar e rios, murcha Basã e o Carmelo, murcha o verde do Líbano, faz as montanhas estremecerem, devasta a terra, o universo e os habitantes. Por outro lado, é abrigo e proteção para aqueles que nele se refugiam, mesmo quando sobrevém inundação (v. 8). Este é um poema para introduzir a grande ironia da profecia ao poder assírio. Interessante que ele termina este poema alfabético usando a imagem da inundação (provavelmente uma alusão ao mito diluviano) que já desde a profecia de Isaías, situada no VIII século e na conjuntura da guerra siro-efraimita, simboliza a invasão assíria (veja Is 8,7).

O poema alfabético é interrompido (não se tem a sua continuidade depois de 2,1) com palavras oraculares ou sentenças proféticas<sup>34</sup>. Estes versículos (1,9–2,1) promovem o julgamento do opressor. Primeiramente, é preciso refletir acerca do fim da opressão e ter a certeza de que a opressão não se levanta duas vezes e serão consumidos totalmente como a palha seca. O mal virá sobre eles porque ali habitam os “filhos de Belial”. Este é um título utilizado para descrever os ímpios, os injustos e os malvados em Israel e Judá. Aqui, a ação do império é equiparada às ações dos filhos de Belial. Esta pode ser uma imagem apropriada para Senaquerib, Teglat-Falasar, Assurbani-pal e outros dominadores de plantão. E o grande castigo para eles reside no fim de suas descendências. A não existência dos continuadores do crime, das injustiças, dos saques, da violência e das maldades.

No segundo oráculo (2,2-14) que descreve a devastação e a destruição da grande cidade deparamo-nos com as imagens do confronto militar. Imagens que estão diante dos olhos (a presença de um destruidor e de saqueadores, escudos dos heróis avermelhados, os guerreiros vestidos de escarlate, correria dos carros e cavalos, deportação e pilhagem) e tomam conta dos ouvidos (barulho dos carros e da agitação dos cavaleiros, tropeço e caída dos poderosos, gemido das servas e os gritos ordenando o saque do ouro e prata da cidade). Além disso, a imagem do covil de leões que tipifica os poderosos (especialmente a ação do império assírio) é ridicularizada, pois Javé despedaçará os filhotes e os leões não terão mais presas. É o fim do império. Por isso, o cântico fúnebre apresenta aqueles que gemerão e gritarão por causa da caída da cidade opressora.

O cântico de enterro (3,1-19) é marcado pelo ruído dos carros, das espadas e do tropeçar sobre o grande número de cadáveres. Três imagens ironizam e satirizam o poderio assírio: a prostituição, estar embriagada e os figos temporãos que caem na boca de quem os come. Imagens que circulavam no ambiente da profecia e da vida dos camponeses com o objetivo de denunciar as ações do poder.

### **Uma palavra final**

34. Alguns estudiosos tentam buscar explicações para a falta do restante do salmo alfabético e outros tentam reconstruir o que falta tomando como base o conjunto que se estende até 2,3. Veja Luis Alonso Schökel e José Luis Sicre Diaz. *Opus. cit.*, p. 1106-1108 e 1110-1115.

O livro de Naum nos desafia a ler e entender as imagens que circulam no imaginário dos oprimidos que sonham e projetam a derrocada de seus dominadores e algozes. Ler Naum tendo como pano de fundo a caída de Nínive nos ajuda a entender as suas palavras; agora, para entender a raiva (ira) de muita gente no mundo contra aqueles que praticam violência sob a estampa da democracia e da justiça, é preciso ouvir, ouvir, ouvir... os gritos, lamentos e maldições de tantos que no contexto da violência estrutural e das guerras insanas perderam casas, liberdade, família, dignidade; caminham sem esperança e mutilados física e culturalmente. O livro de Naum ousou descrever a caída do império de violências e a sonhar com a caída de novos impérios, oxalá que a sua leitura nos ajude a ser ousados e apostar na teimosia da esperança – pelo menos desejando e lutando para a caída do império que hoje aterroriza e violenta as vidas.